

Educação Financeira para pessoas idosas: Fundamentos para uma tecnologia social

Financial Education for older people: foundations for a social technology

Johannes Doll¹, Adriana da Silva Pinto²



Resumo: A situação financeira das pessoas idosas no Brasil não difere muito do resto da população, principalmente graças aos ajustes das aposentadorias pela Constituição Brasileira de 1988, que garantiu para a população idosa uma renda, geralmente pequena, mas estável e segura. Mesmo assim observa-se um crescente endividamento das pessoas idosas que possui diferentes razões, entre os quais se destaca o assédio das instituições financeiras para fazer um crédito consignado. Nesta situação, uma educação financeira poderia ajudar apontando para funcionamento e risco do mercado financeiro, bem como contribuir para um planejamento financeiro. O presente trabalho visa analisar formas atuais de educação financeira para pessoas idosas com o objetivo de elaborar fundamentos para uma educação financeira. Neste trabalho, a educação financeira é entendida como uma tecnologia social que visa a melhora da qualidade de vida de populações vulneráveis, neste caso, de pessoas idosas endividadas. Os resultados desta análise apontam para elementos necessários para uma educação financeira, como reflexões sobre a renda, sobre os gastos, sobre o funcionamento do mercado financeiro e sobre o planejamento financeiro. Destaca também a necessidade de considerar o contexto financeiro, social e cultural dos participantes, bem como sobre possíveis formas de comunicação com este público.

Palavras-chave: Educação financeira. Tecnologia social. Endividamento.

Abstract: The financial situation of elderly people in Brazil does not differ much from that of the rest of the population, mainly due to the adjustments to pensions made by the Brazilian Constitution of 1988, which guaranteed the elderly population an income, generally small, but stable and secure. Even so, there is a growing indebtedness among elderly people for various reasons, among which the most notable is the harassment of financial institutions to provide a payroll loan. In this situation, financial education could help by pointing out the functioning and risks of the financial market, as well as contributing to financial planning. This paper aims to analyze current forms of financial education for elderly people with the objective of developing foundations for financial education. In this paper, financial education is understood as a social technology that aims to improve the quality of life of vulnerable populations, in this case, elderly people in debt. The results of this analysis point to necessary elements for financial education, such as reflections on income, expenses, the functioning of the financial market and financial planning. It also highlights the need to consider the financial, social and cultural context of participants, as well as possible forms of communication with this audience.

Keywords: Financial education. Social technology. Indebtedness

Introdução

A pobreza na velhice é uma realidade social há muito tempo. Os planos de aposentadoria que surgiram no final do século XIX e no início do século XX representaram uma mudança da situação de muitas pessoas idosas, pois com o direito a uma aposentadoria não dependiam mais da ajuda de familiares ou da misericórdia e outras pessoas ou instituições (OECD, 2017). No Brasil, os primeiros planos de aposentadoria surgiram em 1923, mas foi a Constituição de 1988, que garantiu um mínimo de renda para pessoas idosas por fixar um salário-mínimo como base das aposentadorias, pensões e benefício continuado (LOAS). A implementação não foi fácil (Stopa, 2019), mas finalmente forneceu uma garantia jurídica de benefícios mínimos para pessoas idosas. O resultado é que o número de pessoas idosas que vivem abaixo da linha de pobreza (10,4%) e significativamente menor do que da população em geral (29,4%) (IBGE, 2022).

Mesmo assim, é registrado um crescente endividamento entre as pessoas idosas. Os dados do Banco do Brasil apontaram em 2019 para o maior nível de endividamento entre aposentados e pensionistas: R\$ 138,7 bilhões (Notícia do jornal Correio Braziliense, de 04/02/2020). Com o endividamento aumenta também o risco de perder o controle sobre sua situação financeira, o que pode levar a um endividamento de risco ou um superendividamento. Endividamento de risco é definido pelo estudo do Banco do Brasil como atender a pelo menos dois dos seguintes quatro critérios: inadimplência, comprometimento da renda com pagamentos de dívidas acima de 50%, ter dívidas em diferentes modalidades como cheque especial, crédito pessoal e crédito rotativo, e renda disponível, após pagamento de dívidas, abaixo do nível de pobreza (Banco Central do Brasil, 2020). Já o superendividamento é definido por Claudia Lima Marques como a impossibilidade global de o devedor pessoa física, consumidor, leigo e de boa-fé pagar todas as suas dívidas atuais e futuras (Benjamin et al. 2021). Em relação ao endividamento de risco, a faixa etária com o maior porcentual é o grupo das pessoas acima de 65 anos (Banco Central do Brasil, 2020). Em relação ao superendividamento, o Relatório GT Superendividamento CNJ de Claudia Lima Marques e Karen Bertoncello de 2024 mostra que os processos de administração do superendividamento, então processos que correm na justiça a partir da lei 14.181/2021, são quase a metade de pessoas idosas (47,8%) (Marques, Bertoncello, 2024).

Para o endividamento e superendividamento das pessoas idosas existem diferentes razões. Muitas vezes é ligado a eventos externos como desemprego, acidente ou problemas com a saúde (Marques, Bertoncello, 2024). Em relação ao comportamento financeiro, Doll et al. (2021) destacam três fatores que se encontram significativamente mais entre pessoas idosas com problemas financeiros: assumir dívidas para outras pessoas (solidariedade financeira), o costume de comprar em prestações e ter contratado um crédito

consignado. Estes fatores mostram a necessidade de uma Educação Financeira, que obviamente não pode resolver todos os problemas financeiros, mas que pode ajudar a compreender melhor o funcionamento complexo atual do mundo financeiro e orientar sobre comportamentos de risco e como evitar cair nas armadilhas do mundo contemporâneo.

Apesar desta necessidade, ainda existem relativamente poucas iniciativas de uma educação financeira específica para pessoas idosas, e as propostas se baseiam geralmente em uma perspectiva comportamentalista e não educacional (Saraiva, 2017). A partir desta constatação, o presente estudo visa analisar quatro propostas de educação financeira para pessoas idosas para, a partir desta análise, propor fundamentos para uma educação financeira que se entende como tecnologia social, quer dizer, uma proposta desenvolvida a partir das necessidades de grupos específicos de pessoas idosas e que visa a melhorar a qualidade de vida deste grupo.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo teórico e conceitual. Para alcançar seu objetivo, a pesquisa utiliza como fundamento a teoria das tecnologias sociais. Klossowski et al (2016) resumem as definições da Tecnologia Social como produtos, técnicas ou metodologias que foram desenvolvidas na interação com a comunidade, que representam soluções para a transformação social e que podem ser aplicadas também em outras situações ou circunstâncias. Desta forma, tecnologias sociais possuem o propósito de contribuir para a melhoria da qualidade de populações, principalmente populações vulneráveis. Neto et al. (2020) apontam para o potencial das Tecnologias Sociais em relação à eficácia, possibilidade de multiplicação e desenvolvimento em escala maior, o que possibilita a abordagem e solução de problemas para um grupo maior de pessoas.

A partir da perspectiva das Tecnologias Sociais foram analisadas quatro propostas de Educação Financeira para pessoas idosas. Como não existem muitas propostas para este grupo específico e ainda menos publicações, a escolha foi feita por incluir propostas diferentes. Desta forma, foi analisada uma proposta online, divulgada pelo Banco Central do Brasil, proposta elaborada pela FEBRABAN, que faz parte de uma plataforma maior com dicas e orientações financeiras, acessível pelo link FEBRABAN: <https://plataforma.meubolsoemdia.com.br>. Esta proposta não é voltada exclusivamente para pessoas idosas, mas na plataforma são incluídos dicas e leituras específicas para aposentados e pensionistas bem como informações sobre o crédito consignado. A segunda proposta analisada foi elaborada no contexto da Estratégia Nacional de Educação Financeira, voltada especificamente para aposentados com baixa renda. Além destas propostas que visam atender um grupo maior de pessoas, foram incluídas duas propostas mais

locais, um trabalho com um grupo de mulheres idosas na periferia de uma capital estadual (Buaes, 2015) e uma proposta com pessoas idosas em um quilombo rural. A análise destas propostas focaliza em dois aspectos, por um lado será analisado o conteúdo abordado, por outro lado, serão analisadas as condições de realização destas propostas.

Resultados e discussão

A primeira proposta de Educação Financeira é voltada para adultos, não só para pessoas idosas. Desta forma, o conteúdo é mais geral. É apresentado como “simples e descomplicado”: seu primeiro curso de educação financeira começa aqui. Uma indicação que é voltada para adultos maduros e idosos é o fato que é apresentado por um homem que aparenta em torno de 60 anos. O curso abrange cinco etapas: 1. Descubra o seu índice de saúde financeira. 2. Saiba qual é o seu ponto de partida. 3. Assuma o controle das suas finanças. 4. Aprenda como alcançar seus objetivos. 5. Liberte-se das dívidas e assuma o controle da sua vida financeira. O curso é gratuito, para fazer é necessário registrar-se. A linguagem que anuncia as cinco etapas é animada, estimulante, tudo parece bem fácil.

“Cuidar do seu dinheiro pode ser mais fácil, assim como conhecer os seus limites. Basta rever atitudes, começar o seu planejamento e recuperar o controle da sua vida financeira para focar no futuro.” (<https://plataforma.meubolsoemdia.com.br>; acesso em 23/08/2024).

Após o registro, se passa por uma fase de análise, respondendo perguntas em forma de escala de cinco pontos ou indicando informações. Após todos os registros, são sugeridos desafios e tarefas onde se ganha prêmios e pontos. Tem certo caráter lúdico, divertido, animado.

Analizando este curso online pelo conteúdo, ele passa por uma análise da situação financeira do participante para depois levar a propostas e sugestões que orientam como se deve comportar no mundo das finanças. As orientações vão à direção de analisar sua situação financeira, saldar suas dívidas e criar reserva financeira para alcançar suas metas. A comunicação através de uma plataforma digital certamente não é uma forma adequada para todas as pessoas idosas, que hoje acessam bem mais a internet, mas podem se sentir inseguros, ainda mais pela necessidade de fornecer uma série de dados pessoais, inclusive financeiros. Os instrumentos e orientações são relativamente simples, tipo: quando custa, quando posso guardar por mês, juros e calcula o tempo necessário para realizar seu sonho. Apesar de basear-se em estudos sobre a educação financeira, a plataforma assume um tom de “basta querer que tudo vai dar certo”. Apesar de abrir espaço também para aspectos problemáticos como conflitos em função de dívidas, o tom das soluções parece meio simplório. Trata-se de uma individualização de possíveis problemas financeiros que passa ao lado da situação de

muitas pessoas idosas com orçamento apertado.

A segunda proposta, “eu e minha aposentadoria—organizando a vida financeira”, foi um projeto desenvolvido pela AEF-Brasil (Associação de Educação Financeira), uma ONG que teve como mantenedoras representantes do mercado financeiro. A partir de um levantamento sobre as situações financeiras de pessoas aposentadas foi elaborado um currículo em forma de oficinas práticas onde as pessoas idosas aprendem em três encontros elementos básicos sobre planejamento e organização financeira, dívidas, empréstimos e assuntos relacionados. Para cada oficina foi desenvolvido um kit, cujos materiais incluem um guia para o instrutor e material didático para os participantes (Santos, 2019). Os três encontros trabalham os seguintes temas:

1. De onde meu dinheiro vem, para onde meu dinheiro vai.
2. Dívidas na ponta do lápis.
3. Planejar meus próximos passos

Os temas centrais são os mesmos da plataforma, um primeiro passo para analisar a situação financeira atual, depois um estudo para compreender o funcionamento das dívidas e depois o planejamento de passos concretos que a pessoa pretende tomar. Esta proposta teve resultados positivos, baseados em autorrelatos, também no estudo de Santos (2019) foram apontadas melhorias significativas na percepção dos participantes. Mas com a transformação do Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), que era composto por órgãos do governo e da sociedade civil, no Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF), exclusivamente governamental, a AEF encerrou as atividades e com isso, esta proposta de educação financeira para pessoas idosas parou.

Analizando a proposta “eu e minha aposentadoria—organizando a vida financeira” é possível perceber que se trata de um projeto que se aproxima muito mais do mundo concreto das pessoas idosas do que a plataforma digital. Observa-se por um lado, uma padronização, através do kit que fornece orientações concretas para o instrutor e material didático pronto para os participantes, por outro lado, o material foi desenvolvido a partir de uma longa pesquisa do mundo das pessoas idosas (AEF, 2017) e o formato de oficinas permite uma interação dialógica entre o instrutor e os participantes, considerando mais os problemas e necessidades específicas dos mesmos. Desta forma, a proposta do projeto “eu e a minha aposentadoria—organizando a vida financeira” atende as características de uma Tecnologia Social, pois foi desenvolvido com a população e visa contribuir a resolver um problema grave, o endividamento de pessoas idosas. O estudo de Santos (2019) em relação aos resultados destas oficinas mostraram que seis meses após a participação houve melhoria em todos os cinco critérios de avaliação: 1) percentual da renda mensal do

idoso gasta com as despesas básicas (alimentação, saúde, moradia); 2) hábitos de poupança; 3) comportamento financeiro; 4) conhecimento sobre dívidas e 5) Inadimplência.

O terceiro projeto de educação financeira para pessoas idosas se refere a um projeto local, sem a intenção de abrangência dos primeiros dois projetos. A educação financeira neste projeto foi realizado com um grupo de mulheres idosas na periferia de uma capital brasileira. Diferente dos projetos apresentados antes, este não teve um currículo pré-definido, mas desenvolveu-se a partir dos interesses e necessidades das participantes, em um ambiente dialógico. O curso durou 7 semanas duas vezes por semana, totalizando 13 encontros. O enfoque não foi a transmissão de conhecimentos, mas a criação de oportunidades para as mulheres expressarem as significações das suas experiências no contexto do mundo financeiro e de consumo. A partir de inquietações e dúvidas, foi realizado um trabalho coletivo, preferencialmente com material do próprio mundo das mulheres. A partir disso, as mulheres elaboraram coletivamente novas estratégias e práticas de consumo. Após sete meses foi realizado um reencontro avaliativo que mostrou, que as mulheres não só dominaram estes novos conhecimentos, mas que elas ganharam uma nova visão do mundo de consumo e uma nova perspectiva para elas-mesmo com outras atitudes de controle financeiro (Buaes 2015).

Em relação aos conteúdos trabalhados, o curso começou com dois elementos, por um lado, a partir de atividades lúdicas, reflexões sobre suas relações com dinheiro e com o consumo. Por outro lado, levantaram juntas as diferentes formas de consumo no mundo concreto do bairro. A partir disso, os temas, dúvidas e questionamentos que surgiram, orientaram o trabalho nas oficinas.

Uma análise dos temas abordados mostra alguns aspectos em comum, questões como sua própria relação com dinheiro e consumo, diferentes formas de renda e organização dos gastos podem parecer semelhante com as duas propostas anteriores, mas a maneira como foram abordadas foi diferente, pois a coordenadora do curso ficou muito mais na escuta, na abertura pelas opiniões e posições das participantes, seguindo a perspectiva pedagógica de Paulo Freire.

O quarto projeto é também uma proposta de educação financeira mais local. Neste caso, trata-se de uma educação financeira para pessoas idosas em um quilombo no meio rural. Na fase preparatória registraram-se aspectos particulares. Em primeiro lugar chamou atenção que todas as pessoas idosas do quilombo tinham celular, às vezes compartilhado com o filho. Como o quilombo fica longe da próxima cidade, o celular se tornou um meio importante para se conectar com o mundo, também dentro do próprio quilombo, pois as casas são distantes e a região é bastante

íngreme. Outro aspecto interessante foi que as pessoas idosas receberam constantemente propostas de créditos consignados, via celular. Como as dificuldades de locomoção impossibilitaram reuniões ou oficinas presenciais, foi elaborado, a partir de entrevistas individuais, um programa de rádio, pois no quilombo existe uma rádio comunitária, que é escutada por todos os moradores. Assim foram gravados seis curtos podcasts com os seguintes temas: 1. O interior e o dinheiro; 2. Fontes de renda; 3. Reservas emergenciais; 4. Endividamento; 5. Estratégias para sair do endividamento; 6. Orientações para evitar golpes financeiros online (Pinto & Doll, 2024).

Analisando esta proposta, fica evidente que se trata de uma situação particular, pessoas idosas com celulares em um quilombo do interior. Agora isso evidencia que as situações das pessoas idosas são muito diferentes e que fica difícil definir um currículo de antemão para uma educação financeira. Como destaca a origem das Tecnologias Sociais, elas devem ser elaboradas com a população. Isso fica evidente neste projeto, as condições de espaço e de história levam a necessidades específicas. Então é necessário primeiro escutar as pessoas para entender, o que seria necessário e elaborar uma proposta com elas. De novo, os conteúdos não são diferentes, a questão do endividamento, a necessidade de reservas financeiras, as fontes de renda. Mas, além disso, é necessário pensar o contexto concreto (interior e o dinheiro) e o que as pessoas nesta situação precisam (orientações para evitar golpes financeiros).

A partir da análise destes quatro projetos de educação financeira para pessoas idosas, o que podemos concluir para pensar em fundamentos para uma Tecnologia Social? Tendo em vista as diferenças entre as pessoas idosas em relação aos seus contextos, suas histórias e experiências, suas especificidades baseadas na classe social, na etnia e no gênero, bem como sua situação financeira concreta não faz sentido propor um currículo fechado. Em vez disso, podemos apontar alguns elementos que uma Tecnologia Social deveria ter para obter uma educação financeira que faz sentido para os participantes.

Em relação aos conteúdos a serem abordados, a questão do endividamento e tudo que envolve deve ser um tema central: diferentes formas de crédito, juros, riscos pelo uso de determinadas formas de crédito, proteção contra golpes, caminhos de saída de uma situação de endividamento, instituições de apoio como defensoria, PROCON, etc.

Outros pontos centrais são as reflexões sobre renda, gastos e a relação entre ambos. Como a possibilidade de aumentar a renda fica mais restrita na idade avançada, é importante pensar nas despesas e quais possuem preferência, na perspectiva da pessoa idosa.

Um terceiro aspecto importante é a questão de se ter uma

reserva financeira. De fato, no Brasil não existe este hábito, segundo dados da pesquisa “Pulso 2023”, 61% dos brasileiros não conseguem poupar¹.

Além destes pontos centrais que se referem ao conteúdo, Buaes (2015) destaca sete princípios que podem servir para a elaboração de uma Tecnologia Social “Educação Financeira”:

1. Desenvolver práticas educativas a partir de uma metodologia dialógica e investigativa.
2. Conhecer a realidade dos participantes, como identificação das práticas de consumo dos membros do grupo e classificação e registro de rendas e despesas a partir de classificações dos participantes.
3. Identificar os conceitos espontâneos dos participantes sobre uso do dinheiro e práticas de consumo.
4. Utilizar recursos pedagógicos próximos da realidade das pessoas e situações hipotéticas do mundo dos participantes, como exercícios de simulações para possíveis situações desafiantes ou conflituosas.
5. Realizar leitura e análise de materiais que circulam na sociedade.
6. Criar situações em que pessoas reflitam sobre suas relações com o dinheiro e com o consumo, não só de ordem cognitiva, mas também afetiva e emocional.
7. Promover a reflexão sobre a facilidade de consumo problematizando o uso de cartões de crédito, de crédito consignado e outras formas de crédito, bem como formas praticadas no mundo dos participantes como o uso de cadernetas, a prática de comprar de vendedores ambulantes, etc.

Conclusão

O presente trabalho analisou quatro propostas de educação financeira para pessoas idosas. As propostas variaram na sua abrangência, na rigidez das suas estruturas curriculares e nas possibilidades de considerar as necessidades específicas dos seus participantes. Modelos planejados e previamente preparados com material didático conseguem ser empregados de forma mais abrangente, na perspectiva de Tecnologia Social que possa ser transferida para outras situações. Em contrapartida, dificilmente conseguem atender necessidades específicas, como especialmente grupos vulneráveis apresentam muitas vezes. Assim, para pensar em fundamentos para uma Tecnologia Social “Educação Financeira para pessoas idosas” parece mais adequado, renunciar a um currículo fechado e, em vez disso,

formular temáticas relevantes para pessoas idosas e apontar para princípios que permitem desenvolver uma Educação Financeira crítica.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de EDUCAÇÃO FINANCEIRA – AEF BRASIL. **Metas sociais**. Avaliação Experimental de Impacto Social do Programa de Educação Financeira para Adultos de Baixa Renda. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Série cidadania financeira**: estudos sobre educação, proteção e inclusão. Brasília, 2020.

BENJAMIN, Antonio Herman et al. **Comentários à Lei n 14.181/2021**: a atualização do CDC em matéria de superendividamento. Thomson Reuters, São Paulo, 2021.

BUAES, Caroline Stumpf. Educação Financeira com Idosos em um Contexto Popular. **Educação e Realidade** [online]. 2015, vol.40, n.1, pp.105-127. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000100105&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20/03/2019.

DOLL, Johannes; SOUZA, Janair Machado de; HOLLERWEGER, Leonéia; CONTE, Francieli Aline. Endividamento de Pessoas Idosas no RS: Principais fatores de risco. **Revista Valore**, v. 6, p. 19-37, 2021

KLOSSOWSKI, Andressa; FREITAS, Carlos Cesar Garcia; FREITAS, Flaviane Pelloso Molina. O envolvimento da universidade pública em relação à tecnologia social (2001 a 2011). **Revista Tecnologia e Sociedade**, vol. 12, núm. 26, septiembre-diciembre, 2016, pp. 61-80, Universidade Tecnológica Federal do Paraná Curitiba, Brasil.

MARQUES, Claudia Lima; BERTONCELLO, Karen. **Relatório GT Superendividamento CNJ**. Apresentação. 2024

NETO, Luiz Sinésio Silva; SANTANA, Wesquisley Vidal de; OSÓRIO, Neila Barbosa. Tecnologia Social para idosos e Extensão Universitária: um relato de experiência da Universidade da Maturidade. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 25, 2021. DOI: 10.22456/2316-2171.118160. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/118160>. Acesso em: 25 ago. 2024.

PINTO, Adriana da Silva; DOLL, Johannes. Connection to the world – older afro-brazilian quilombolas and their

¹ <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/financas/maioria-dos-brasileiros-nao-consegue-guardar-dinheiro->

information and communication technologies. **14th ISG World Conference of Gerontechnology**. 2024.

SANTOS, Rafaela Aires Tavares. **O impacto da educação financeira sobre a vulnerabilidade econômica em idosos de baixa renda**. Uma avaliação do programa “eu e minha aposentadoria – organizando a vida financeira”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Tocantins, 2019.

SARAIVA, Karla Schuck. Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. Curitiba: **Educar em Revista**. n. 66, p. 157-173, out./dez. 2017

Vínculo institucional, titulação e área de atuação

Johannes Doll¹

 | <https://orcid.org/0000-0002-6699-0460>

Pedagogo, Teólogo, Mestre em Educação, Doutor em Filosofia, Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adriana da Silva Pinto²

 | <https://orcid.org/0000-0003-3343-3032>

Graduada em Ciências Biológicas (URCAMP), especialista em Educação Ambiental (UNICID), Gestão Escolar (São Braz), Educação do Campo (UFRGS), Mestre em Ensino de Ciências (UNIPAMPA) e Doutoranda em Educação (UFRGS). Professora da rede municipal de ensino de Bagé. Pesquisa o endividamento de pessoas idosas em comunidade quilombola.

Correspondência*

A correspondência e os pedidos de materiais devem ser endereçados a johannes.ufrgs@gmail.com